

UMA CRUZ PARA BALZAC: A COMÉDIA HUMANA E A CENSURA DA SANTA SÉ

Lucius de Mello*

 <https://orcid.org/0000-0002-7055-7205>

Como citar este artigo: MELLO, Lucius de. Uma cruz para Balzac: *A Comédia humana* e a censura da Santa Sé. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-17, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT17438>

Submissão: 20 de setembro de 2024. **Aceite:** 21 de setembro de 2025.

Resumo: Este artigo ilumina fragmentos de *A Comédia humana* nos quais Honoré de Balzac usa a literatura como meio para profanar, reinventar e até promover uma revolução no pensamento religioso no século XIX. O romancista foi condenado quatro vezes, por 18 obras, pelo *Index Librorum Prohibitorum* (índice), catálogo de livros censurados pela Santa Sé. Com base em pesquisas de Loïc Artiaga e Jean-Baptiste Amadieu, destacam-se também passagens de romances, novelas e contos balzaquianos apontados como heréticos e as reações negativas dos cardeais que pediram a condenação do escritor depois de lerem os seus textos.

Palavras-chave: Honoré de Balzac. *A Comédia humana*. Censura. Literatura. Pensamento religioso.

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: luciusdemello@alumni.usp.br

*Aquele maldito padre [...] catador de pecados, que quer sustentar a gente a poder de hóstia*¹
(Balzac, 1976-1981, t. IX, p. 253, tradução nossa).

*[...] venerem-me! Sou papa!*² (Balzac, 1976-1981, v. XV, p. 202, tradução nossa).

■ **E**m um tempo no qual a narrativa romanesca ainda procura a sua fórmula, Honoré de Balzac percebe essa grande mobilidade, valoriza essa oportunidade estética e passa a explorar, sem restrições, o vasto e indefinido campo de possibilidades. Porém, além de inovar na forma de absorver e retratar o real, o escritor também se destaca por usar a atividade literária como meio de transgressão do pensamento religioso. Balzac saca da sua pena para promover ataques ao judaísmo e ao cristianismo, e, assim, tentar deflagrar uma revolução na espiritualidade humana. Não por acaso foi perseguido, sobretudo, pelas autoridades eclesiásticas, tornando-se o romancista francês mais condenado pela Igreja Católica no século XIX.

Pesquisas de Loïc Artiaga e Jean-Baptiste Amadiou confirmam: “Honoré de Balzac foi condenado quatro vezes por 18 obras” (Artiaga, 2007, p. 52, tradução nossa)³ pelo *Index Librorum Prohibitorum* (index), catálogo de livros censurados pela Santa Sé. O romancista teria desacatado mandamentos caros para o catolicismo, presentes nas instruções pastorais para identificação dos livros ímpios. Mandamentos elencados por Amadiou (2017, p. 11, tradução nossa), tais como: não escrever com malícia, “Nós julgamos a malícia das ficções”⁴, nem fazer declarações maldosas, “as declarações são más na medida em que se desviam dos ensinamentos da Igreja”⁵, especialmente dos ensinamentos sobre Fé e Bons Costumes; não ser heterodoxo nem imoral porque “os consultores censuram a heterodoxia e a imoralidade das obras” (Amadiou, 2017, p. 11, tradução nossa)⁶; não escrever sobre: “[...] os temas políticos” e “contra a ordem social” (Amadiou, 2017, p. 11, tradução nossa)⁷. Em resumo: não causar feridas à pátria nem à Igreja através da impiedade e da filosofia. Quem conhece pelo menos um pouco de *A Comédia humana* perceberá que a pena de Honoré de Balzac movimentou-se completamente à margem dessas regras. Para o index, genericamente, afirma Artiaga: “A ficção é enganosa, diante dela, o leitor fica desarmado” (Artiaga, 2007, p. 30, tradução nossa)⁸. O historiador destaca um fragmento desse documento regulatório que explica por que a Igreja tinha essa visão dos ficcionistas e temia a influência que as obras deles pudessem exercer sobre o leitor:

Como a massa de leitores, sempre constituída por pessoas pouco instruídas em religião, distinguirá os sofismas da impiedade habilmente diluídos numa trama, numa aventura romântica, num diálogo ou numa correspondência, e apresentados

1 “C’est le damné curé! [...] un chercheur de péchés qui veut nous nourrir d’hosties.”

2 “[...] bénissez-moi! Je suis papa!”

3 “Honoré de Balzac est condamné quatre fois, pour 18 œuvres.”

4 “On juge de la malice des fictions.”

5 “Leurs énoncés sont mauvais dans la mesure où ils s’écartent des enseignements de l’Église.”

6 “Les consultants censurent l’hétérodoxie religieuse et l’immoralité des œuvres.”

7 “[...] les motifs politiques, en particulier les propos séditieux contre l’ordre social.”

8 “La fiction est trompeuse, face à elle, le lecteur est désarmé.”

com o obrigatório tempero do sarcasmo, de zombaria, às vezes até de um zelo hipócrita pela religião? (Santa Sé *apud* Artiaga, 2007, p. 30, tradução nossa)⁹.

As palavras finais dessa citação – “com o obrigatório tempero do sarcasmo, de zombaria, às vezes até de um zelo hipócrita pela religião” – parecem referir-se, diretamente, ao trabalho ficcional de Balzac. Por mais que, algumas vezes, o autor cause a impressão de defender a Igreja Católica, ao escrever tanto sobre ela a ponto de povoar *A Comédia humana* de padres, pecados e sermões, o vocábulo “hipócrita” cai como uma carapuça sobre a cabeça do escritor condenado pelo *index*. Afinal, sabemos que os pensamentos de Balzac sobre os temas da religiosidade e do catolicismo eram constantemente abalados por sua implacável contradição.

O *index* foi criado durante o pontificado de Paulo IV em 1559. Três anos mais tarde, o Concílio de Trento editou as regras gerais do *index*, que só foi abolido em 1966 pelo papa Paulo VI. Esclarece Amadiou (2017, p. 13, tradução nossa): “Durante quatro séculos, a Igreja Romana editava, regularmente, seu catálogo de livros condenados, enriquecendo-o a cada publicação com novos títulos”¹⁰. Mas a literatura não era o campo de conhecimento mais perseguido pelos censores, segundo informam as palavras de Artiaga (2007, p. 36, tradução nossa):

*[...] é difícil considerar a literatura como um campo privilegiado de intervenção para o índice. Os romances pesam pouco no enorme corpus de cerca de cinco mil escritos proibidos desde o século XVI. Os autores franceses dificilmente representam mais de 3% das condenações proferidas entre 1820 e 1898*¹¹.

O surpreendente, segundo o historiador, é que dos quase 300 autores censurados em toda a Europa e América, entre os anos de 1840 e 1864,

[...] cerca de 40% das condenações dizem respeito a clérigos, teólogos, protestantes, apóstatas, excomungados, sacerdotes suspensos, canonistas, juristas, ou seja, cristãos que se colocam temporária ou deliberadamente à margem da ortodoxia romana (Artiaga, 2007, p. 39, tradução nossa)¹².

Essa é uma informação importante que, de certa forma, redime a pena balzaquiana, já que nem mesmo os religiosos, as autoridades e os representantes do clero tinham seus escritos imunes ao implacável julgamento da Santa Sé.

Artiaga (2007, p. 37, tradução nossa) esclarece ainda que, durante todo o século XIX, 16 escritores franceses foram proibidos pela Igreja, uma quantidade pequena se consideramos o total de “oitocentos autores que aparecem no *index*”¹³. O número não é grande, mas o valor que representa é imenso. Afinal, nele está retratada uma galeria de pensadores e romancistas imortais, gênios

9 Artiaga está citando as “Instruction pastorale sur les mauvais livres”, da Santa Sé. “*Comment la masse des lecteurs, qui se compose toujours de personnes peu instruites dans la religion, démêlera-t-elle les sophismes de l’impiété adroitement déguisés dans une intrigue, dans une aventure romanesque, dans un dialogue ou dans une correspondance, et présenté avec l’assaisonnement obligé du sarcasme, du persiflage, parfois même d’un zèle hypocrite pour la religion?*”

10 “*Durant quatre siècles, l’Église romaine éditait régulièrement son Index des livres proscrits, l’enrichissant à chaque parution de nouveaux titres.*”

11 “[...] il est difficile de considérer la littérature comme un champ privilégié d’intervention pour l’index. Les romans pèsent peu dans l’énorme corpus des quelques 5000 écrits interdits depuis le XVI siècle. Les écrivains français ne représentent guère plus de 3% des condamnations prononcées entre 1820 et 1898.”

12 “[...] pour près de 40% les condamnations concernent d’abord des ecclésiastiques, des théologiens, des protestants, des apostats, des excommuniés, des prêtres suspendus, des canonistes, des juristes, c’est-à-dire des chrétiens qui se placent momentanément ou délibérément en marge de l’orthodoxie romaine.”

13 “[...] les 800 auteurs qui figurent à l’Index.”

que surgiram na Paris, então, considerada a capital cultural do planeta. Artistas cujas obras literárias marcaram uma época, revolucionaram a forma de escrever ficção e, desde então, foram traduzidas mundo afora, atravessaram séculos fazendo sucesso entre os leitores. Romances que se tornariam canônicos, clássicos que, por uma razão ou outra, incomodavam bastante a Santa Sé. Entre os malditos da literatura francesa, figuravam: Charles-Antoine Pigault-Lebrun, Stendhal, Pierre-Jean de Béranger, Victor Hugo (*Notre-Dame de Paris* e *Les misérables*), Alphonse de Lamartine, Georg Sand, Eugène Sue, Alexandre Dumas (pai e filho), Chamfleury, Ernest Feydeau, Gustave Flaubert (*Madame Bovary* e *Salammô*), Henry Burger, Frédéric Soulié, Émile Zola (*Opera omnia*) e Honoré de Balzac. De acordo com levantamento feito por Artiaga, os três mais perseguidos foram: em terceiro lugar, Alphonse Lamartine (cinco livros proibidos entre 1836 e 1838); em segundo, George Sand (14 livros proibidos entre 1840 e 1863); e, em primeiro lugar, Honoré de Balzac (18 livros proibidos entre 1841 e 1864).

As obras proibidas de Balzac foram: *Os cem contos engraçados* (*Les cent contes drolatiques*), *Contos Bruns*, *O excomungado*, *O israelita*, *O livro místico*, *O lírio do vale*, *Novos contos filosóficos*, *Fisiologia do casamento*, *Berta a arrependida* (*Contes Drolatiques*), *A mulher superior*, *Jane la Pale*, *A casa Nucingen*, *Um grande homem de província em Paris* (Parte 2 de *Ilusões perdidas*), *O vigário de Ardennes*, *História dos Treze*, *O pai Goriot*, *Esplendores e misérias das cortesãs* (*La torpille et Esther heuresse*) e *Omnes fabulae amatoriae*. Esse último título é uma invenção do index. Artiaga (2005, p. 30, tradução nossa) explica que, quando os censores encerraram as leituras balzaquianas em 20 de junho de 1864, “uma sentença geral lançou um véu pudico sobre ‘todas as histórias [sic] de amor’ – *omnes fabulae amatoriae* – escritas pelo autor”¹⁴. Segundo Artiaga, essa decisão do index de generalizar e condenar todos os dramas românticos de Balzac indica que a quantidade de textos do romancista, de forma isolada, proibida pela Santa Sé pode ter sido maior. A obra *Os cem contos engraçados* é um exemplo. Apesar de ter “cem” no título, a obra contém menos contos do que o indicado, pouco mais de três dezenas de narrativas, se consideramos também o prólogo e os esquetes. Mesmo assim, só os textos desse livro, vistos isoladamente, já colaboram para ampliar o número de escritos balzaquianos interditados pela Igreja Romana. Em *Os cem contos engraçados*, o index destaca “Berta a arrependida” (“Berthe la repentie”) e “A bela Impéria” (“La belle Impéria”).

O conto “A bela Impéria”, em especial, deve ter chocado o Sacro Colégio, ao fazer uma sátira feroz da moralidade do clero católico. Vemos nesse conto a cortesã Impéria seduzir e controlar cardeais e príncipes. No entanto, ele não foi especificado, isoladamente, na lista do index. Segundo Artiaga (2005, p. 30, tradução nossa), o cerco romano a Balzac foi tão intenso que só na semana seguinte à publicação da primeira edição de *A Comédia humana* pela Editora Furne a obra “é assim maculada por três proibições da Santa Sé”¹⁵. Foi essa perseguição da Igreja e as recentes condenações que, segundo Roger Pierrot (1999), levaram Balzac (1959a, p. 16) a escrever a famosa frase no prefácio de *A Comédia humana*: “Escrevo à luz de duas Verdades eternas: a Religião, a Monarquia, duas necessidades que os acontecimentos contemporâneos proclamam e para as quais todo

14 “[...] par une sentence générale jetant un voile pudibond sur ‘toutes les histoires d’amour’ – *omnes fabulae amatoriae* – de l’auteur.”

15 “[...] est ainsi entachée de trois interdits du Saint-Siège.”

escritor de bom senso deve tentar reconduzir à nossa terra”¹⁶. Essas palavras foram uma espécie de apelo ao Sacro Colégio, esclarece Pierrot (1999, p. 377, tradução nossa),

*[...] porque a Congregação do index acabara de condenar a obra de Balzac por decretos de 16 de setembro de 1841, 28 de janeiro de 1842 e 5 de abril de 1842. E também um apelo aos legitimistas cuja imprensa nunca deixou de atacá-lo por imoralidade*¹⁷.

Para confirmar sua tese, Roger Pierrot (1999) encontrou provas que evidenciam o fato de Balzac ter escrito o prefácio mais de uma vez. Elas estavam entre documentos de Pierre-Jules Hetzel (1814-1886), que, com Charles Furne (1794-1859), foi um dos primeiros editores de *A Comédia humana*:

Encontramos nos papéis de Hertzelt, três folhas in-4°, escritas por sua mão, e escrito no verso da segunda, pela mesma mão, “prefácio refeito”. Essas folhas (B.N., Mss, n.a.fr 16933, f 1-3) fornecem um texto muito próximo ao do início do Avant-propos, finalmente escrito por Balzac. É provavelmente a cópia de Hetzel de um dos rascunhos de Balzac (Pierrot, 1999, p. 376, tradução nossa)¹⁸.

Segundo Pierrot (1999, p. 376, tradução nossa), “esse célebre prefácio – datado de julho de 1842 – foi longamente trabalhado por Balzac”¹⁹. Outro argumento elencado pelo biógrafo para sustentar que o romancista teria exagerado na sua admiração pela Igreja só para ficar em paz com os censores do index é uma carta de Balzac a madame Hanska de 13 de julho de 1842. Na carta, ele deixa bem claro o seu ecletismo em relação às religiões:

Acabei de reler o prefácio que inicia A Comédia humana. Tem 26 páginas, e essas 26 páginas me deram mais trabalho do que um livro, porque assumem, pela circunstância, um caráter de solenidade que assusta quem pronuncia essas poucas palavras no início de uma coleção tão volumosa. [...] Quando você ler estas páginas, você não vai mais me perguntar se eu sou católico e quais são minhas opiniões, elas são muito claras, em um século tão eclético como o nosso (Balzac, 1990, p. 594, tradução nossa)²⁰.

Repara-se que Balzac escreve “essas 26 páginas me deram mais trabalho do que um livro” e logo justifica: “porque assumem, pela *circunstância*, um caráter de solenidade que assusta quem pronuncia essas poucas palavras no início de uma coleção tão volumosa” (grifo nosso). A palavra “circunstância”, inserida na frase, é a chave para madame Hanska compreender a mensagem que o escritor quis deixar, implícita, mas sem fazer alarde. Podemos entender “pela circunstância” como: “a pedido dos meus editores, sou obrigado a baixar minha voz devido

16 “J’écris à la lueur de deux Vérités éternelles: la Religion, la Monarchie, deux nécessités que les événements contemporains proclament, et vers lesquelles tout écrivain de bon sens doit essayer de ramener notre pays” (Balzac, 1976-1981, v. I, p. 13).

17 “[...] car la Congrégation de L’index venait de condamner l’œuvre de Balzac par des décrets en date des 6 septembre 1841, 28 janvier 1842 et 5 avril 1842. Et aussi auprès des legitimistes dont la presse ne cessait de l’attaquer pour immoralité.”

18 “On a retrouvé dans les papiers d’Hetzel, trois feuillets in-4°, rédigés de sa main, avec au verso du second, écrit de la même main, ‘préface refeite’ Ces feuillets (B.N., Mss, N. A. f° 16933, f 1-3) donnent un texte très proche de celui du début de l’Avant-propos, finalement rédigé par Balzac; Il s’agit probablement de la copie par Hetzel d’un des brouillons de Balzac.”

19 “Cet Avant-propos célèbre, daté de juillet 1842, fut longuement travaillé par Balzac.”

20 Carta escrita em 13 de julho de 1842. “Je viens de relire l’Avant-propos qui commence *La Comédie humaine*. Il a 26 pages, et ces 26 pages m’ont donné plus de mal qu’un ouvrage, car elles prennent, par la circonstance, un caractère de solennité qui effraie celui que prononce ces quelques paroles en tête d’une collection si volumineuse. [...] Quand vous lirez ces pages, vous ne me demanderez plus si je suis catholique et quelles sont mes opinions, elles ne sont que trop tranchées, dans un siècle aussi eclectique que le nôtre.”

às últimas condenações do índex” ou ainda “trairei meus próprios pensamentos, espero que provisoriamente, por causa da implacável perseguição da Igreja Romana que tenho sofrido” etc. Já com a outra expressão “caráter de solenidade que assusta”, o autor diz-se com medo do próprio prefácio, visto que, por meio dele, proclama certezas que ele mesmo não acredita; no caso, a firmeza na afirmação: Religião e Monarquia são “duas Verdades eternas”. E ainda, nesse desafo epistolar, Balzac conclui a frase sobre a inquietação que o texto lhe causou: “assusta quem pronuncia essas poucas palavras no início de uma coleção tão volumosa”. Outra vez ele convoca a amada à reflexão como se dissesse:

[...] preste atenção, não acredite nisso que escrevi sobre essas “duas Verdades eternas”, porque, numa “coleção tão volumosa”, como A Comédia humana, as verdades espirituais e políticas nem sempre são o que parecem, são variáveis e múltiplas.

E Balzac segue explicando-se: “Quando você ler estas páginas, você não vai mais me perguntar se eu sou católico e quais são minhas opiniões, elas são muito claras, em um século tão eclético como o nosso”. Ou seja, em outras palavras, o cidadão Balzac quis deixar bem clara a diversidade de seus pensamentos religiosos.

No prefácio que escreve para *A Comédia humana*, o romancista ilumina a pluralidade de seus pensamentos sobre espiritualidade. Segundo Bertault (2002, p. 3-4, tradução nossa), o texto nos permite perceber as contradições de um espírito curioso de ideias religiosas, porém

*[...] não preocupado em submetê-las a um critério definitivo. Noções hostis umas às outras estão abrigadas sob o manto hospitaleiro do Avant-propos de A Comédia humana e essa promiscuidade desconcerta os apreciadores de síntese. Dessa forma se coloca o problema que acabamos de tentar resolver: por que não é possível limitar o sistema religioso de Balzac numa fórmula unitária para anexá-lo a uma escola? Ao tentarem, muitos o violentam. [...] Entre esse Iluminismo e o catolicismo, há um hiato, uma ruptura de lógica que não chocava o autor, mas deve ceder diante das exigências de um controle ortodoxo. Talvez seja possível admitir que esse dualismo abraça as oscilações da vida intelectual e afetiva do autor?*²¹.

Bertault (2002) suspeita que os traumas emocionais que marcaram a infância de Balzac, assim como as decepções na vida profissional e amorosa, estão diretamente ligados às contradições que imperam em seus pensamentos. Um leque variado de opiniões sobre assuntos místicos e religiosos também exposto a madame Hanska, cinco anos antes da escrita do prefácio, numa outra carta de 31 de maio de 1837:

Acredite, há nas ideias religiosas uma certa medida além da qual tudo é vicioso. Você sabe quais são minhas religiões, não sou ortodoxo e não acredito na Igreja

21 “[...] non soucieux de les soumettre à un critère définitif. Des notions hostiles les unes aux autres abritent sous le manteau hospitalier de l’*Avant-propos* de *La Comédie humaine* et cette promiscuité déconcerte les amateurs de synthèse. Ainsi se pose le problème que nous voulons tenter de résoudre: d’où vient qu’il n’est pas possible d’enfermer le système religieux de Balzac dans une formule unitaire pour l’annexer à une école? En s’y essayant, beaucoup le violentent. [...] Entre cet illuminisme et le catholicisme, il y a un hiatus, une rupture de logique qui ne choquait nullement leur auteur, mais doit céder devant les exigences d’un contrôle orthodoxe. Peut-être admettra-t-on que ce dualisme épouse les oscillations que marque la vie intellectuelle et affective du romancier?”

Romana; acho que se existe algum plano digno de Deus são as transformações humanas fazendo o ser caminhar para zonas desconhecidas. [...] O swedenborgianismo, que é apenas uma repetição no sentido cristão de velhas ideias, é minha religião, com o acréscimo que faço nela sobre a incompreensibilidade de Deus (Balzac, 1990, p. 386, tradução nossa)²².

Trata-se de uma declaração feita muito em particular, numa sigilosa carta de amor, com a certeza da discricção da pena e da folha de papel, de uma escrivaniinha, de uma xícara de café e de um quarto há muitos anos guardião de impúblicáveis segredos balzaquianos. Mas, por isso mesmo, cristaliza-se como uma declaração extremamente confiável, portadora do mais puro e verdadeiro pensamento religioso de Balzac. “Não acredito na Igreja Romana”, ele afirma com todas as letras a madame Hanska. Essa opinião desconcertante para época muito provavelmente se construiu durante os anos em que o adolescente Balzac era interno no colégio oratoriano de Vendôme. E, desde então, ele manteve um olhar atento, suspeito, desconfiado sobre tudo o que se referia à Igreja Católica. Foi com o olhar da dúvida que Balzac sentiu, aprendeu e apreendeu o real; um olhar crítico e curioso, portador de mais perguntas do que respostas, e com o qual o escritor, na vida e nos livros, colheu farto material humano para abastecer seus romances, contos e novelas. Por mais que algumas vezes o pensamento religioso de Balzac pareça contraditório, o leitor atento perceberá que a pena manipulada pelo escritor é bem mais impiedosa do que simpática e tolerante com os assuntos que dizem respeito à fé e, sobretudo, ao catolicismo.

Fato que também não passou despercebido ao índice. Diante do exagerado número de ataques à religião e à Igreja, os censores não tiveram dificuldade em localizar as ironias, blasfêmias, as palavras e ideias consideradas ímpias nas obras de Balzac. Obviamente, como já foi dito, nem todas foram listadas pelos fiscais da Santa Sé. Elenco algumas zombarias, verdadeiras ofensas contra os ensinamentos religiosos, especialmente no que se refere ao conceito de Deus e a toda a sua onipotência, onipresença e onisciência. Em *Ilusões perdidas (Illusions perdues)*: “Aqui vedes, senhores, o que em toda a eternidade Deus não poderia ver, isto é, vosso semelhante. Deus não tem semelhante” (Balzac, 1959b, p. 226)²³. Nessa citação, cabe ressaltar que, no original em francês, Balzac usa o verbo saber (*saurait*) – no presente condicional, ou seja, no lugar de “Deus não poderia ver”, a frase ficaria “Deus não saberia ver”, bem mais agressiva do que versou para o português o tradutor Ernesto Pelanda. Ao usar a frase “Deus não saberia ver”, o autor expõe a ideia de um Deus limitado, bem menos poderoso do que a divindade propagada pela Igreja.

Já no conto “A missa do ateu” (“La messe de l’athée”), por exemplo, o médico e cientista de sucesso Dr. Desplein assegura: “Deus deve ser um bom Diabo” (Balzac, 1958b, p. 311)²⁴. Nesse fragmento assistimos a uma equiparação de valores caros às doutrinas religiosas: o bem é igual ao mal. Deus é igual ao Diabo,

22 Carta escrita em 31 de maio de 1837. “Croyez-moi, il y a dans les idées religieuses une certaine mesure au delà de laquelle tout est vicieux. Vous savez quelles sont mes religions, je ne suis point orthodoxe et ne crois pas à l’Église romaine; je trouve que s’il y a quelque plan digne de Dieu, ce sont les transformations humaines faisant marcher l’être vers des zones inconnues. [...] Le swedenborgisme qui n’est qu’une répétition dans le sens chrétien d’anciennes idées, est ma religion, avec l’augmentation que j’y fais de l’incompréhensibilité de Dieu.”

23 “Vous voyez là, messieurs, ce que dans toute l’éternité Dieu ne saurait voir, c’est-à-dire votre semblable. Dieu n’a pas son semblable!” (Balzac, 1976-1981, v. V, p. 359).

24 “Dieu doit être un bon diable” (Balzac, 1976-1981, v. III, p. 401).

ou pelo menos muito parecido com ele. Em “Os funcionários” (“Les employés”), Roubourdin diz a Bixiou: “em França se ri de tudo, mesmo de Deus!” (Balzac, 1958c, p. 258)²⁵. Aqui, outra vez Deus é apresentado como uma figura digna de piadas e zombarias. Em “Melmoth apaziguado” (“Melmoth reconcilie”), Balzac chega até a trabalhar a ideia de que a Bíblia poderia ser comparada a um grande livro de fábulas ao estilo de Jean de La Fontaine (1621-1695), criador de narrativas com personagens animais que agem como seres humanos e que sempre ilustram um preceito moral:

Esses desgraçados proprietários são gente que não tem alma! [...] Com os diabos! Se a gente pudesse vender a alma ao diabo! Mas não há nem Deus nem diabo, tudo isso é besteira, que só se vê nos livros azuis e nas mulheres velhas. Que fazer? (Balzac, 1959c, p. 304)²⁶.

Esse episódio que compara a Bíblia aos livros ditos “azuis”, os livros de contos de fadas, está justamente numa obra que celebra o Diabo e desdenha, deprecia e ri da figura de Deus e da Igreja Romana. Foi publicada em 1835 e faz parte dos “Estudos filosóficos”. A história é inspirada em *Melmoth de Wanderer*, romance do padre irlandês Charles Robert Maturin (1782-1824).

O clero, representado pelos censores do índice, fazia uma leitura crítica bem rigorosa de *A Comédia humana*. Estava atento a tudo o que considerava uma provocação: heresia, blasfêmia, desvio da moralidade e dos costumes estabelecidos. E, por essa razão, demorou muito a dar uma trégua na guerra religiosa que deflagrou contra Balzac. Roger Pierrot lembra-se de uma carta de 12 de julho de 1842 (Balzac, 1990, p. 589), na qual o romancista comenta com madame Hanska sobre essa verdadeira cruz que lhe pesava nas costas. Ele afirma que *A Comédia humana* só iria ser entendida 15 anos após a sua morte. “Profecia não realizada”, afirma Roger Pierrot (1999, p. 377, tradução nossa): “o índice voltou a condenar a sua obra, por um decreto de 20 de junho de 1864, quase 15 anos após a morte de Balzac...”²⁷. Não era para menos. A imagem e as opiniões que os cardeais, as autoridades do tribunal da Santa Sé, tinham do escritor eram as piores possíveis, como nos revelam Loïc Artiaga e Jean-Baptiste Amadiéu. Documentos do índice aos quais eles tiveram acesso mostram as reações dos censores sobre os livros de Balzac. No caso de *O israelita* e *O excomungado*, um deles escreveu: “Balzac é um louco, mas um louco desonesto, em cujo cérebro nada surge que não corrompa a moral. Leia e você não verá nada além de lixo” (Amadiéu, 2017, p. 127, tradução nossa)²⁸. Aqui o texto balzaquiano é considerado pelo procurador da Santa Sé como fruto de uma mente doente e subversiva, a escória da literatura. *O israelita* e *O excomungado* são obras da juventude do romancista, ainda do tempo em que ele assinava com pseudônimos, como bem explicado no registro de um consultor do clero numa mensagem diretamente

25 “[...] mais on rit de tout en France, même de Dieu!” (Balzac, 1976-1981, v. VII, p. 1101).

26 “Mais ces fichus propriétaires, ça n’a pas d’âme! [...] Sacredieu! Si l’on pouvait vendre son âme au diable! Mais il n’y a ni Dieu ni diable, c’est des bêtises, ça ne se voit que dans les livres bleus ou chez les vieilles femmes. Que faire?” (Balzac, 1976-1981, v. X, p. 386-387).

27 “Prophétie non réalisée, l’Index condamnait à nouveau l’ensemble de son œuvre, *Omnes fabulae amatoriae* par un décret du 20 juin 1864, près 15 ans après la mort de Balzac...”

28 A nota 1 converte o texto do índice em italiano para o francês: “Balzac est un insensé, mais un insensé fripon, dans le cerveau duquel ne sortent que des idées corruptrices des mœurs. Lisez et vous ne verrez que de la camelote” (Lettre du 1^o de octobre 1840. ACDJ, Index, Atti e documenti 1840-1866, doc 20). (A tradução do italiano para o francês é de Amadiéu, já a tradução do francês para o português é nossa.)

escrita ao censor: “Eu envio os dois livros [...] que aparecem com o nome do autor M. Horace de Saint-Aubin, mas trata-se de um nome fictício. O verdadeiro autor é Balzac” (Amadieu, 2017, p. 127, tradução nossa)²⁹. Percebe-se nessa última frase uma certa satisfação da autoridade religiosa em denunciar a real identidade do escritor, como se cada descoberta de um novo pseudônimo do herege ficcionista significasse uma vitória para a Igreja. No caso de *O israelita*, a leitura causou tanto horror e revolta entre as autoridades eclesiásticas porque uma determinada cena transforma os símbolos do calvário cristão em objetos de um ritual pagão, uma das mais graves provocações de Balzac à Santa Sê, conforme as palavras de Loïc Artiaga (2005, p. 36, tradução nossa): “observa-se uma paródia em homenagem ao padroeiro dos bandidos, ‘o bom ladrão’. As Bíblias são substituídas por taças, as velas por lanças, um altar de fé é erguido e no crucifixo vemos ‘a imagem grosseira de um bandido na cruz’³⁰.”

Ao concluir a leitura de *O israelita*, o censor Vincenzo Tizzani qualificou a obra de uma “lenda enfadonha” (Artiaga, 2007, p. 46, tradução nossa)³¹. Artiaga apurou que Tizzani também justificou o seu voto a favor da proibição da narrativa, com o argumento de que a construção do personagem Hilarion d’Aosti, bispo de Nicósia, foi equivocada. Segundo Tizzani, o bispo nascido da pena de Balzac:

Tem um outro espírito muito diferente do espírito de um eclesiástico e é retratado como um homem que, ao ouvir os méritos e as ajudas que a religião de Cristo pode oferecer, sempre corta o discurso com trapaças, a ponto de parecer ou como incrédulo, ou como um depreciador do culto (Artiaga, 2005, p. 38, tradução nossa)³².

Essa reprovação é baseada não apenas nesse exemplo, mas também na quantidade de personagens padres e também de fiéis indignos que aparecem em toda a *A Comédia humana*. A banalização da cruz, do calvário e da Paixão de Jesus Cristo presente em *O israelita* repete-se em outros trabalhos de Balzac. Na curta novela *O olho sem pálpebra* (*L’œil sans paupière*), que faz parte dos *Contes Bruns*, o consultor do index Giovanni Cannella teria se horrorizado com o fragmento do delírio de um fazendeiro no qual demônios celebram uma noite de Halloween com uma “abominável paródia dos santos mistérios” (Artiaga, 2005, p. 37, tradução nossa)³³. A cena ocorre ao som de uma sinfonia infernal marcada, sobretudo, pelo órgão e pela gaita de foles, num cenário no qual temos uma igreja em chamas. Incêndio que, em plena festa pagã, sugere ao leitor uma vingança das bruxas: a imagem da cruz e do Cristo queimados pelo fogo, como hereges numa versão ressignificada da fogueira da Inquisição. É importante lembrar que, na Bíblia, os Santos Mistérios contemplam o início, o meio e o fim da passagem de Cristo na Terra até sua ascensão ao céu.

29 A nota 1 converte o texto do index do italiano para o francês: “Je remets les deux œuvres [...], qui portent le nom M. Horace de Saint-Albin, et c’est un nom fictif. Le véritable auteur est Balzac”. (A tradução do italiano para o francês é de Amadieu, já a tradução do francês para o português é nossa.)

30 “[...] on relève une parodie de vêpres en l’honneur du saint patron des brigands, ‘le bon larron’. On a remplacé les bibles par des gobelets, les cierges par des lances, on a dressé un autel, et en guise de crucifix on voit ‘l’image grossière d’un brigand en croix.’”

31 “[...] légende ennuyeuse.”

32 “[...] a tout autre esprit que celui d’un ecclésiastique, et est dépeint comme un homme qui entendant parler des mérites et des aides que peut donner la religion du Christ coupe toujours les discours avec rouerie, au point d’apparaître ou comme un incrédule, ou comme un dépréciateur du culte.”

33 “[...] abominable parodie des saints mystères” (ACDF, Index, II.a.113.632).

Da mesma forma, uma outra celebração profana chama a atenção do consultor quando ele lê a Parte 2 de *Ilusões perdidas, Um grande homem de província em Paris: o batismo de um jornalista*. Na avaliação, ele repete as palavras que Finot, embriagado, profere ao derramar algumas gotas de champanhe na cabeça de Lucien de Rubempré: “Em nome do Selo, da Fiança e da Multa, eu te batizo jornalista. Que seus artigos sejam leves para você!” (Artiaga, 2005, p. 37, tradução nossa)³⁴. Deslocar o sentido do sacramento e da cerimônia sagrada do batismo para o espaço mundano de um jornal, paródia que substituiu o padre por um diretor de redação e a água benta por gotas de champanhe, foi demais para o consultor. A autoridade eclesiástica conclui seu julgamento afirmando que encontrou nesse livro “um abuso de nomes e de termos sagrados” (Artiaga, 2005, p. 37, tradução nossa)³⁵. Essa forma de escrever, que a Santa Sé considerava como expressão de blasfêmias e heresias e uma verdadeira violação do que definia como sagrado, e a acusação de corrupção dos costumes e de impiedade, segundo Artiaga, formam “um fio condutor que liga o conjunto dos exames romanos de Balzac” (Artiaga, 2005, p. 38, tradução nossa)³⁶ no índice. Uma conduta de leitura seguida de censura que parece ter atenção dobrada quando as “ímpias” apropriações da narrativa bíblica feitas pelo escritor ferem mais o Segundo do que o Primeiro Testamento.

Os fragmentos e personagens dos Evangelhos, usados por Balzac, não passavam despercebidos aos censores. O nome de Barrabás, ladrão escolhido para ser liberto no lugar de Jesus, – “Por fim, Pilatos, desejando satisfazer o povo, entregou-lhes Barrabás; e, tendo açoitado Jesus, entregou-o para ser crucificado” (Mc 15:15)³⁷ –, aparece no livro condenado *Fisiologia do casamento (Physiologie du mariage)*: “O casamento é mais conhecido que o Barrabás da Paixão: todas as ideias velhas que ele desperta, rolam nas literaturas desde que o mundo é mundo” (Balzac, 1959f, p. 247)³⁸, informa o autor no primeiro capítulo do livro, quando ele elenca várias repostas à pergunta: “Que queres de mim, Fisiologia?” (Balzac, 1959f, p. 246)³⁹. Por mais que, à primeira leitura, entendamos que o uso do nome de Barrabás e de sua fama internacional serve para dimensionar a popularidade e a exagerada exploração literária da instituição do matrimônio, fica subentendido que o autor quis aproximar, propositadamente, toda simbologia aparelhada na figura do ladrão bíblico ao conceito religioso de casamento. Ao promover esse encontro textual, Balzac abre a possibilidade para várias interpretações, inclusive, que ele supunha ser o casamento uma entidade *à la* Barrabás. Uma instituição criminosa, pervertida, ladra de liberdades alheias, salva da morte e mantida entre o povo em detrimento da vida de uma outra: a poligamia que, nesse caso, teria sido, simbolicamente, crucificada como o Cristo.

O romancista deixa bem claro: o “Barrabás da Paixão”, expressão que remete o leitor atento diretamente ao sofrimento e ao calvário de Jesus. Se os censores

34 “Au nom du Timbre, du Cautionnement et de l’Amende, je te baptise journaliste. Que tes articles te soient légers!” (ACDF, Index, II.a.114.13).

35 “[...] un abus de noms et de termes sacrés” (ACDF, Index, II.a.114.13).

36 “[...] un fil conducteur liant l’ensemble des examens romains de Balzac.”

37 “Enfin Pilates, voulant satisfaire le peuple, leur délivra Barabbas; et ayant fait fouetter Jésus, il le livra pour être crucifié” (La Bible, 1990, p. 1322).

38 “Le mariage est plus connu que Barabbas de la Passion; toutes les vieilles idées qu’il réveille roulent dans les littératures depuis que le monde est monde” (Balzac, 1976-1981, v. XI, p. 916).

39 “Physiologie, que me veux-tu donc?” (Balzac, 1976-1981, v. XI, p. 915)

do índice tiveram essa mesma impressão não podemos afirmar. Mas, de acordo com investigação desenvolvida por Artiaga (2007, p. 48, tradução nossa) nos arquivos da Santa Sé: “As primeiras linhas de *A fisiologia do casamento* são declaradas suficientes para interditar o livro”⁴⁰. A sentença de condenação, segundo Artiaga (2005, p. 39, tradução nossa), “foi realizada por Pio Bighi; é relativamente curta: três páginas, com algumas citações do texto retiradas em sua maior parte do epílogo da primeira parte do trabalho balzaquiano”⁴¹. Artiaga (2005, p. 39, tradução nossa) destaca que as partes que mais chocaram a Igreja foram as que afirmam que “o casamento não deriva da natureza e que pode ser objeto de evoluções”⁴²; o fragmento em que “a religião de Cristo é descrita como um código moral e político” (p. 39)⁴³; e a comparação feita entre o Ocidente e o Oriente na qual a pena irônica de Balzac debocha do pai de família francês ao escrever que num harém o homem tem tanta certeza de ser amado por todas suas mulheres como “o marido não tem certeza de ser, na França, o pai de seus filhos” (p. 39)⁴⁴. Segundo Artiaga (2005, p. 39, tradução nossa), os censores também ficaram indignados com os ataques que o autor faz “à hipocrisia da sociedade de Carlos X, diagnosticando um fracasso quase geral do casamento e uma frequente propensão ao adultério”⁴⁵, tema que ganhou na *Fisiologia* uma seção inteira de sugestões sobre os possíveis “sintomas do adultério”: “estes indícios, ocultos, sob os acidentes da vida habitual, variam até o infinito” (Balzac, 1959f, p. 321)⁴⁶. Ou ainda: “O adultério [...] é uma questão de sofá!” (Balzac, 1959f, p. 377)⁴⁷. Considero importante recuperar o texto original, no qual Balzac escreve que o adultério é “*une affaire de canapé!*”, expressão que pode ser entendida como: “O adultério é só sexo! Apenas uma aventura sexual!”. Porém, o tradutor brasileiro Mário D. Ferreira Santos preferiu uma versão literal e mais recatada, alterando um pouco a proposta do autor. Penso não ter sido a melhor escolha. Dado o tema tratado em *Fisiologia do casamento*, “o adultério é só sexo!” traduziria melhor o pensamento de Balzac e o seu objetivo de escandalizar ao tratar desse assunto. O fato é que ele conseguiu o que desejava. *Fisiologia do casamento*, segundo Graham Robb (1995, p. 173), “era um rojão lançado aos pés de uma sociedade séria que logo se recobriria da Revolução de Julho com bastante felicidade”. E mesmo explosivo, o livro marca o momento em que Balzac descobre o seu público mais fiel: as mulheres.

Ainda em *Fisiologia do casamento*, notamos que, nos quesitos adultério e vida conjugal, a Bíblia é uma fonte de alusões e metáforas para Balzac. Nesse livro, ao referir-se à infidelidade da mulher casada, o autor compara o amante à figura bíblica do leão: “eles são os leões do Evangelho à procura de presas para devorar” (Balzac, 1959f, p. 270)⁴⁸. Nessa frase, duas metáforas chamam a nossa

40 “Les premières lignes de la *Physiologie du mariage* de Balzac sont déclarées suffisantes pour interdire le livre” (ACDF, Index, II.a.113.557).

41 “[...] réalisé par Pio Bighi, est relativement court: trois pages, avec quelques longues citations du texte tirées pour la plupart de l’épilogue de la première partie de l’ouvrage.”

42 “[...] le mariage ne dérive point de la nature, et qu’il peut être l’objet d’évolutions” (ACDF, Index, II.a.113.558).

43 “[...] la religion du Christ est qualifiée de code de morale et de politique” (ACDF, Index, II.a.113.558).

44 “[...] que le mari n’est sûr d’être, en France, le père de ses enfants” (ACDF, Index, II.a.113.558).

45 “[...] à l’hypocrisie de la société de Charles X, diagnostiquant une faillite presque générale du mariage et un penchant fréquent pour l’adultère” (ACDF, Index, II.a.113.558).

46 “[...] ces indices, cachés sous les accidents de la vie habituelle, varient à l’infini” (Balzac, 1976-1981, v. XI, p. 998).

47 “L’adultère [...] est une affaire de canapé!” (Balzac, 1976-1981, v. XI, p. 1058).

48 “[...] ils sont les lions de l’Évangile cherchant des proies à dévorer” (Balzac, 1976-1981, v. XI, p. 941).

atenção: leão/amante e presas/esposas. Trata-se de uma citação que transfere, de imediato, o pensamento do leitor às imagens que o leão representa nas Sagradas Escrituras. Por conter a palavra “evangelho”, a frase nos remete ao Segundo Testamento, especialmente, ao livro do Apocalipse, no qual o imponente animal simboliza Jesus como herdeiro político do rei Davi: “Não chore; aqui está o Leão da tribo de Judá, o descendente de Davi, que obteve com sua vitória o poder de abrir o livro e desatar os seus sete selos” (Ap 5:5)⁴⁹. Ao conectar o leão bíblico à figura do amante, a pena balzaquiana, mais uma vez, evidencia o julgamento que o autor faz das mulheres adúlteras na França oitocentista. Quando escreve que os amantes “são os leões do Evangelho à procura de presas para devorar”, o romancista, poeticamente, sugere que as esposas infiéis matam a fome de desejo dos amantes. No entanto, também condena as mesmas mulheres à morte, colocando-as dentro da arena dos leões, espaço no qual os romanos jogavam seus condenados para serem devorados pelas feras. O versículo do Apocalipse que designa o Cristo como o Leão da tribo de Judá também é uma clara referência ao livro do Gênesis. Antes de morrer, Jacó abençoa seus 12 filhos. E profetiza o futuro de cada um deles:

Judá é um jovem leão. Você se levantou, meu filho, para arrebatá-lo a presa. Enquanto descansas você deita-se como um leão e uma leoa: quem ousará te despertar? O cetro não se afastará de Judá, nem o príncipe de sua descendência até que venha aquele que há de ser enviado; e é ele quem será a expectativa das nações (Gn 49:9-10)⁵⁰.

Essas duas citações do Gênesis e do Apocalipse evidenciam o valor religioso que a figura do leão tem tanto para o judaísmo como para o cristianismo. Na Bíblia, a bravura e a coragem desse grande felino são associadas ao poder e à imagem de Deus. Já na obra de Balzac, a força sedutora e à beleza física do amante.

Em razão de posturas como essa, o retumbante sucesso dessa obra, em especial, preocupava a Santa Sé. A verossimilhança dos fatos narrados sobre as relações conjugais, considerando que muitos deles foram revelados pelas amigas do escritor, também pesava, sobretudo porque esse detalhe fazia toda a diferença e dava ao texto de Balzac um tom até científico, como nos esclarece o crítico polonês Miroslaw Loba (2020, p. 203, tradução nossa): “A *Fisiologia do casamento* é um texto que mistura o registro escrito e o oral e, por sua forma, pode ser comparado às memórias escritas nos meios científicos da época”⁵¹. Admitir verdade nos relatos de Balzac e vê-los despertando mentes cristãs à reflexão, introduzindo nos lares a filosofia balzaquiana sobre o matrimônio, convencendo leitores e leitoras de que o casamento não passava de uma instituição falida, era tudo o que a Igreja mais temia. Por isso, à medida em que aumentavam os comentários e as vendas dos livros de Balzac por toda a Europa, em Roma crescia a reprovação dos trabalhos do romancista. Eles eram cada dia mais vistos com apreensão, desprezo e indignação. Segundo Artiaga (2007), para a Santa Sé, o

49 “Ne pleurez point; voici le lion de la tribu de Juda, le rejeton de Davi qui a obtenu par sa victoire le pouvoir d'ouvrir le livre et d'en lever les sept sceaux” (La Bible, 1990, p. 1064).

50 “Juda est un jeune lion. Vous vous êtes levé, mon fils, pour ravir la proie. En vous reposant vous vous êtes couché comme un lion et une lionne: qui osera le réveiller? Le sceptre ne sera point ôté de Juda, ni le prince de sa postérité, jusqu'à ce que celui qui doit être envoyé soit venu; et c'est lui qui sera l'attente des nations” (La Bible, 1990, p. 63).

51 “La *Physiologie du mariage* est un texte qui mélange le registre écrit et oral et par sa forme pourrait être comparé aux mémoires rédigés dans les cercles scientifiques de l'époque.”

nome de Honoré de Balzac rapidamente tornou-se sinônimo de “blasfêmia”, “heresia”, “obscenidade”, de “produções ímpias” e “escandalosas”. A perseguição deflagrada contra Balzac levou o próprio autor a mencionar os seus algozes, com certo juízo de valor, em *Fisiologia do casamento*:

Essas pessoas de microscópio, que só veem um ponto, os censores, finalmente, tudo disseram bem, examinaram tudo? Pronunciaram em última instância que é possível escrever um livro sobre o matrimônio como é impossível tornar novo um vaso quebrado? (Balzac, 1959f, p. 248)⁵².

Esse recado aos censores do index – que os classifica como pessoas portadoras de “visão limitada” – convoca o pesquisador a ponderar: será que Balzac o escreveu quando finalizou o livro, antes de ser condenado, já prevenido uma possível represália da Igreja, ou depois, para criticar e se vingar da censura sofrida? De acordo com a investigação de Artiaga, a condenação de *Fisiologia do casamento* ocorreu em 1841, 12 anos após a publicação inicial do livro, que se deu em 1829. Como essa obra foi a primeira a integrar *A Comédia humana*, cuja edição original saiu em 25 de junho de 1842, é bem provável que ele tenha acrescentado esse recado aos censores após a condenação do index, especialmente para que constasse na versão final do seu grande projeto literário.

Os censores que analisavam as obras literárias e votavam, ou seja, decidiam se elas entrariam para o index ou não, eram chamados de *rapporteurs*, segundo apuração de Jean-Baptiste Amadiou (2017). Em francês, *rapporteurs* significa delator ou denunciante. Balzac teve oito *rapporteurs*. Jacques Baillès e Vincenzo Tizzani foram os dois que mais condenaram o escritor, tendo analisado juntos 15 livros. Amadiou (2017) esclarece que os censores tinham um código entre eles. Segundo o estudioso, eram três palavras que eles usavam “para definir o grau da natureza da proposta (*ingiuriosa, falsa, errore gravissimo*)” (Amadiou, 2017, p. 134, tradução nossa)⁵³. No entanto, a censura eclesiástica não tinha peso legal, ou seja, os livros não eram retirados das livrarias nem os autores, editores e livreiros tinham que pagar multas ou eram punidos pela venda dos volumes considerados heréticos pela Igreja. As decisões do index eram mais uma espécie de “boicote” e tinham um valor divino, segundo Jean-Baptiste Amadiou (2017, p. 15-16, tradução nossa), um valor quase alegórico:

*[...] exclusivamente na ordem espiritual e não como ordem política; só eram executadas se os fiéis se submetessem, voluntariamente, a elas. Trata-se, portanto, de uma censura singular que apela à liberdade e ao consentimento dos cidadãos*⁵⁴.

Ou seja, os decretos do index não eram regulados civilmente e coexistiam com as outras proibições resultantes de processos civis que custavam muito mais aos editores e escritores franceses do século XIX. Em resposta a um e-mail que lhe escrevi, durante minha pesquisa, Loïc Artiaga me contou que, “para a juventude do pós-guerra, o index era frequentemente considerado um guia para

52 “*Ces gens à microscope, qui ne voient qu’un point, les censeurs enfin, ont-ils bien tout dit, tout passé en revue? Ont-ils prononcé en dernier ressort qu’un livre sur le mariage est aussi impossible à exécuter qu’une cruche cassée à rendre neuve?*” (Balzac, 1976-1981, v. XI, p. 917).

53 “[...] à définir la nature de la proposition (*ingiuriosa, falsa, errore gravissimo*).”

54 “[...] exclusivement dans l’ordre spirituel et non dans l’ordre politique; elles ne sont exécutées que si les croyants s’y soumettent volontairement. C’est donc une censure singulière qui en appelle à la liberté et à l’assentiment des administrés.”

leitura de livros proibidos, portanto, para serem lidos!”⁵⁵. Esse pensamento sobre o index também é compartilhado por Chateaubriand (1950 *apud* Amadieu, 2017, p. 329, tradução nossa):

*Este famoso index, que ainda faz um pouco de barulho deste lado dos Alpes, não faz nenhum barulho em Roma: por algumas moedas obtém-se permissão para ler, com a consciência tranquila, a obra proibida. O index está entre aqueles usos que permanecem como testemunhas de tempos antigos em meio aos novos tempos*⁵⁶.

Se fora dos muros do Sacro Colégio a censura da Santa Sé provocava piadas e aguçava a curiosidade dos leitores, dentro a reação era inversa, o trabalho de Balzac horrorizava censores e consultores. É o caso de *O lírio do vale*. Trata-se da história de amor entre Henriette de Mortsauf (mulher católica e casada) e Félix de Vandenesse (rapaz mais jovem e solteiro) que se desenrola no bucólico vale dos rios Indre e Loire. Em seu relatório sobre o livro, o consultor Pio Bighi, segundo Artiaga (2007, p. 57, tradução nossa), “crítica essencialmente o escritor pelo uso de passagens das Sagradas Escrituras, aplicadas ‘aos temas e ações mais repugnantes’⁵⁷. Bighi faz um resumo do romance, separa e lista 16 fragmentos “nos quais o autor se entrega à ‘imprecisão do jargão colorido místico’ que caracteriza muitas páginas do livro” (Artiaga, 2007, p. 57, tradução nossa)⁵⁸. Sobre o interesse de Balzac pelo misticismo, é importante mencionar que, no mesmo ano em que escrevia *O lírio do vale*, ele escrevera dois outros romances: *Louis Lambert* e *Séraphîta*, ambos inspirados nas teorias místicas do escandinavo Emanuel Swedenborg. E a Igreja Romana já estava muito bem-informada sobre essa transgressora espiritualidade de Balzac. Na avaliação de *O lírio do vale*, Artiaga (2007, p. 57, tradução nossa) aponta: “O consultor privilegiou as citações nas quais a mistura de palavras amorosas com o léxico religioso é perfeitamente explícita”⁵⁹. Um desses exemplos está numa das passagens destacadas pelo index na qual Félix compara sua amada Henriette a Maria, mãe de Jesus Cristo: “– Como uma virgem Maria visível” (Balzac, 1959 *apud* Artiaga, 2007, p. 57, tradução nossa)⁶⁰. Trechos como esse reforçam a preocupação do clero na busca de cenas que envolvam diretamente o cristianismo e os personagens da Paixão de Cristo. Dos 16 momentos separados por Bighi, nove aludem aos Evangelhos. Com base na pesquisa de Artiaga, separei outros dois. São palavras de Félix a Henriette que envolvem o nome de Jesus: “Aqui, digo-lhe, está a primeira e sagrada comunhão do amor. Sim, acabei de participar de suas dores, para me unir à sua alma, como nos unimos a Cristo bebendo sua substância divina” (Balzac, 1959 *apud* Artiaga, 2005, p. 43, tradução nossa)⁶¹, ou fazem

55 “[...] pour la jeunesse de l’après-guerre, l’Index a souvent été considéré comme un guide des lectures interdites, donc à lire!”

56 “Ce fameux index, qui fait encore un peu de bruit de ce côté-ci des Alpes, n’en fait aucun à Rome: pour quelques bajocchi on obtient la permission de lire, en sûreté de conscience, l’ouvrage défendu. L’index est au nombre de ces usages qui restent comme des témoins des anciens temps au milieu de temps nouveaux.”

57 “[...] reproche essentiellement à l’écrivain l’usage de passages des Saintes Écritures, appliqués ‘aux sujets et aux actions les plus répugnantes’” (ACDF, Index.II.a.113.555).

58 “[...] où l’auteur se laisse aller au ‘flou du jargon de coloration mystique’ qui caractérise bien des pages du livre.”

59 “Le consulteur privilégie des citations où le mélange des propos amoureux et du lexique religieux est parfaitement explicite.”

60 Artiaga cita fragmento de *O lírio do vale* separado pelo censor do index. No original da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1976-1981, v. IX, p. 1112): “– Comme une vierge Marie visible”. Cf. Balzac (1959d).

61 Artiaga cita fragmento de *O lírio do vale* separado pelo censor do index (ACDF, Index.II.a.113). No original da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1976-1981, v. IX, p. 1036): “Voici, lui dis-je, la première, la sainte communion de l’amour. Oui, je viens de participer à vos douleurs, de m’unir à votre âme, comme nous nous unissons au Christ en buvant sa divine substance”. Cf. Balzac (1959d).

uma alusão ao começo da história cristã: “Não seguimos, como os Magos, a mesma estrela?” (Balzac, 1959 *apud* Artiaga, 2005, p. 43, tradução nossa)⁶². Nessa pergunta, Félix compara as figuras dos três reis magos ao clandestino casal formado por ele e sua amada. Ao fazer essa aproximação, o dândi nos permite imaginar que ele e Henriette seguem a mesma estrela de Belém que orientou Baltasar, Gaspar e Melchior até a manjedoura do Cristo recém-nascido. Só que o casal estaria sendo guiado até um berço improvisado no qual, no lugar do maior símbolo do amor cristão, repousa o amor de Eros, o amor apaixonado, carnal, que acabara de nascer entre Félix e Henriette.

Na sequência do discurso amoroso, o rapaz prolonga a contaminação do léxico religioso com o vocabulário romântico ao igualar o menino Jesus à figura de um simples e brincalhão Cupido:

Aqui estamos diante do presépio no qual desperta um divino menino que lançará suas flechas ao tronco das árvores nuas, menino que reanimará nosso mundo com seus gritos alegres, que, por incessantes prazeres, dará sabor à vida, restituirá o sono às noites e as alegrias aos dias (Balzac, 1959 *apud* Artiaga, 2005, p. 43, tradução nossa)⁶³.

A profanação de uma das cenas mais emblemáticas do cristianismo, o nascimento do Cristo, dá-se de palavra em palavra pronunciadas pela boca do personagem de Balzac. Primeiro ele cita o berço de palha, a manjedoura, o simbólico presépio cristão: “Aqui estamos diante do presépio no qual desperta um divino menino”. Em seguida, associa o menino Jesus à figura do Cupido: “que lançará suas flechas ao tronco das árvores nuas”. Félix usa a imagem das árvores nuas como metáforas dos corpos dele e de Henriette nus no paraíso daquele vale do Indre-Loire. Essa interpretação pode ser possível porque, ao longo de todo romance, nos deparamos com o que Leyla Perrone-Moisés (2006, p. 47) chama de “metáforas vegetais” que, segundo a crítica, “têm um caráter nitidamente sexual”. O erotismo presente nas palavras de Félix segue num crescente até ele explicar que o “divino menino” e suas flechas reanimarão “nosso mundo com seus gritos alegres, que, por incessantes prazeres, dará sabor à vida, restituirá o sono às noites e as alegrias aos dias”. Esses fragmentos de *O lírio do vale*, separados pelo índice e juntados ao processo que determinaram a condenação da obra, nos permitem entender o argumento do consultor Pio Bigli quando ele acusa Balzac de misturar expressões e sentimentos mundanos aos vocabulários e símbolos religiosos, sobretudo católicos.

Esse comportamento do escritor, de certa forma, está afinado às palavras de Max Andréoli (1983, p. 160, tradução nossa): “Balzac só respeita a ortodoxia religiosa se ela se curvar ao seu sistema”⁶⁴. Um sistema no qual reina o império das ideias rebeladas. Bem menos na fase madura que na fase inicial da carreira, Honoré de Balzac não deixava escapar a oportunidade de usar a pena para cometer o que o índice considerava “crimes de heresia contra a Santa Sê”⁶⁵. Não perdia

62 Artiaga cita fragmento de *O lírio do vale* separado pelo censor do índice (ACDF, Index, II.a.113). No original da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1976-1981, v. IX, p. 1034): “*N'avons-nous pas, comme les Mages, suivi la même étoile?*”. Cf. Balzac (1959d).

63 Artiaga cita fragmento de *O lírio do vale* separado pelo censor do índice (ACDF, Index, II.a.113). No original da Bibliothèque de la Pléiade (Balzac, 1976-1981, v. IX, p. 1034): “*Nous voici devant la crèche d'où s'éveille un divin enfant qui lancera ses flèches au front des arbres nus, qui nous ranimera le monde par ses cris joyeux, qui par des plaisirs incessants donnera du goût à la vie, rendra aux nuits leur sommeil, aux jours leur allégresse*”. Cf. Balzac (1959d).

64 “*Balzac ne respecte l'orthodoxie religieuse que si elle se plie à son système.*”

65 Mesmo sendo figura não quista em Roma, Balzac esteve na capital italiana em 1846 e encontrou-se com o papa que condenou

a chance de usar a literatura como meio de transgressão do pensamento religioso e, assim, despertar em seu leitor um olhar revolucionário para a espiritualidade humana.

A CROSS FOR BALZAC: *THE HUMAN COMEDY* AND THE CENSORSHIP OF THE HOLY SEE

Abstract: this article sheds light on fragments of *The human Comedy* in which Honoré de Balzac uses literature as a means to profane, reinvent, and even promote a revolution in religious thought in the 19th century. The novelist was condemned four times for eighteen works by the *Index Librorum Prohibitorum* (index), the catalogue of books censored by the Holy See. Based on research by Loïc Artiaga and Jean-Baptiste Amadiéu, the article also highlights passages from Balzac's novels, novellas, and short stories that were labeled as heretical, as well as the negative reactions of the cardinals who called for the condemnation of the writer after reading his texts.

Keywords: Honoré de Balzac. *The human Comedy*. Censorship. Literature. Religious thought.

REFERÊNCIAS

- AMADIEU, J.-B. *La littérature française du XIX siècle mise à l'Index*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2017.
- ANDRÉOLI, M. *Le système balzacien: essai de description synchronique*. Berne: Éditions Peter Lang, 1983. (t. 1).
- ARTIAGA, L. Les censures romaines de Balzac. *Romantisme*, Paris, v. 1, n. 127, p. 29-44, 2005.
- ARTIAGA, L. *Des torrents de papier: catholicisme et lectures populaires au XIX siècle*. Limoges: Pulim Éditeur, 2007.
- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre: Globo, 1958a. (v. XIII).
- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Gomes da Silveira. Porto Alegre: Globo, 1958b. (v. IV).
- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo, 1958c. (v. XI).
- BALZAC, H. de. Prefácio. In: BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo, 1959a. (v. 1), p. 9-22.
- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Ernesto Pelanda e Mário Quintana. Porto Alegre: Globo, 1959b. (v. VII).
- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo, 1959c. (v. XV).
- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Gomes da Silveira. Porto Alegre: Globo, 1959d. (v. XVI).

suas obras, como nos relata Roger Pierrot (1999, p. 425, tradução nossa): "em data imprecisa, ele foi recebido em audiência pelo papa Gregório XVI (falecido em 1º. de junho)". Pela data da morte de Gregório XVI podemos supor que Balzac se reuniu com o papa entre janeiro e maio de 1846.

- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Gomes da Silveira. Porto Alegre: Globo, 1959e. (v. XV).
- BALZAC, H. de. *A Comédia humana*. Tradução Mário D. Ferreira Santos. Porto Alegre: Globo, 1959f. (v. XVII).
- BALZAC, H. de. *La Comédie humaine*. Édition organisée par Pierre-Georges Castex. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1976-1981. 12 v.
- BALZAC, H. de. *Lettres à madame Hanska*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1990. (t. 1).
- BERTAULT, P. *Balzac et la religion*. Genève: Slatkine Reprints, 2002.
- CHATEAUBRIAND, F.-R. *Mémoires d'outre-tombe*: livre trentième. Paris: Gallimard, Pléiade, 1950. (t. 2).
- LA BIBLE. Édition traduit en français par Lemaître de Sacy. Paris: Éditions Robert Laffont, 1990.
- LOBA, M. Balzac et la pensée sur la vie dans la physiologie du mariage et dans la femme de trente ans. *Littérature française et savoirs biologiques au XIXe siècle*, Berlim, p. 201-212, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110665833-014>
- PERRONE-MOISÉS, L. Balzac e as flores da escrivania. In: PERRONE-MOISÉS, L. *Flores da escrivania*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 44-66.
- PIERROT, R. *Honoré de Balzac*. Paris: Éditons Fayard, 1999.
- ROBB, Graham. *Balzac: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.